

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E SEUS DESAFIOS

THE PEDAGOGICAL COORDINATOR AND HIS CHALLENGES



CRISTIANE DA CONCEIÇÃO GOMES MOURA

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Centro Universitário Ítalo Brasileiro (2014); Especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Campos Elíseos (2017); Especialista em Coordenação Pedagógica pela Faculdade Campos Elíseos (2018); Professora de Ed. Infantil na PMSP (Prefeitura Municipal de São Paulo). Trabalhou na rede estadual de ensino (2020–2024) e na Prefeitura Municipal de Embu das Artes (2014–2023) como professora PEBI.

RESUMO

Ao longo dos anos fora surgindo a necessidade de um professor coordenador pedagógico, pois com as novas exigências do Banco mundial para a educação seria necessário uma nova organização escolar, pois outrora existia o supervisor escolar que tinha um ar rígido fiscalizador, não trazendo confiança ou até mesmo uma contribuição para uma formação continuada, sendo assim em meados da década de 90 é criado a função do professor coordenador pedagógico, o qual já possui uma formação em pedagogia e estava ligado a total realidade da unidade escolar podendo contribuir para a formação continuada dos docentes e um acompanhamento melhor dando um apoio aos professores em suas dificuldades em sala de aula, orientando, dando sugestão, ou seja, sendo um mediador, articulador. Todo trabalho está baseado em referenciais teórico o qual tem como objetivo contribuir para uma reflexão no que se refere as atribuições do coordenador pedagógico e seus desafios.

Palavras-chave: Professor; Coordenador; Desafios; Formação continuada.

ABSTRACT

Over the years the need for a pedagogical coordinating teacher had arisen, since with the new demands of the World Bank for the education a new school organization was necessary, since once there was the school supervisor who had a rigid inspecting air, not bringing confidence or even even a contribution to a continuous formation, so in the mid-90s the role of the pedagogic coordinating teacher was created, which already had a pedagogical training and was linked to the total reality of

the school unit and could contribute to the continued formation of teachers and a better accompaniment giving a support to the teachers in their difficulties in the classroom, guiding, giving direction, that is, being a mediator, articulator. All work is based on theoretical references which aims to contribute to a reflection on the attributions of the pedagogical coordinator and its challenges.

Key-words: Teacher; Coordinator; Challenges; Continuing education.

INTRODUÇÃO

É sabido que ao longo dos anos existiram algumas formas de organização e outros nomes os quais antecede o coordenador pedagógico e somente após alguns anos fora de fato criado o PCP (Professor coordenador pedagógico), trabalho não tão fácil como parece, tendo que quebrar com o velho olhar de supervisão perseguidora, que outrora existira, a qual pouco contribuiu para o desenvolvimento dos educandos e a formação continuada dos docentes.

Ser coordenador pedagógico significa estar imbricado a um e maranhado de situações que o forma continuamente e orienta as suas escolhas, suas atitudes e sua posição frente a formação dos professores na escola (Domingues,2015,p. 41).

BOCCIA; DABUL; LACERDA (2013), enfatizam a importância do coordenador pedagógico, pois orientam os professores e ficam a frente de uma equipe, o qual, deve ser assíduo e envolvido em toda a rotina escolar, saber o seu papel e qual suas atribuições para conseguir atingir suas metas e objetivos. Portanto precisa ser flexível a mudanças e refletir sobre suas ações com um grande comprometimento com a educação.

Sendo exatamente nesse ponto que o trabalho começa a deslançar, pois o presente trabalho tem como objetivo contribuir para uma reflexão no que se refere as atribuições do coordenador pedagógico e seus desafios.

Permeada pela seguinte pergunta:

Como o coordenador pedagógico se articula mediante a tantos desafios para realizar o seu trabalho?

Contendo duas hipóteses:

Hipótese 1. O coordenador fica submergido com tantas tarefas desviada de suas reais funções que acaba por não fazer o que de fato deveria.

Hipótese 2. O coordenador sabe sua real função e assim consegue se articular com todos os envolvidos e desenvolver seu real trabalho.

Tendo como objetivos gerais contribuir para uma reflexão no que se refere as atribuições do coordenador pedagógico e seus desafios. Repensar as atribuições do coordenador pedagógico e suas ações para uma gestão democrática. Compreender o papel do coordenador pedagógico no âmbito escolar e como se articula para realizar seu trabalho de forma eficaz.

Justificativa: Pensando na função do coordenador pedagógico, que por sinal é muito importante, para o bom funcionamento de uma unidade escolar, segundo Iraci; Seroa; Dagmar (2011), há muitas tarefas a fazer e algumas acabam sendo deixadas a desejar por alguns desvios de funções, que por vezes esses profissionais acabam tendo que exercer como: Fiscalizar a entrada e a saída de alunos; substituir professores que faltam entre outras.

Partindo desse pressuposto percebe-se a importância desse trabalho, para compreender os desafios enfrentado por esse profissional e como se articula para exercer suas funções e desempenhar o seu real trabalho com excelência, desenvolvendo suas reais atribuições visando o bom desenvolvimento da unidade escolar.

Problema:

1. Como o coordenador pedagógico se articula mediante a tantos desafios para realizar o seu trabalho?

UM BREVE RELATO SOBRE A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO BRASIL

A História da Educação no Brasil teve início com os jesuítas, os quais tinham como objetivo catequizar os nativos, e para os filhos dos colonos, as primeiras letras, e o Ratio Studiorum para os Nobres e Senhores do Engenho. Já naquela época se fez necessário uma organização, sendo de ar rígido, com uma função de supervisão, ou melhor, o prefeito geral dos estudos, pois envolviam aspectos políticos e administrativos para a educação.

A hierarquia começava com o geral, depois vinha o provincial, que dirigia cada uma das províncias, supervisionando a formação de “bons professores”, entre outros. O reitor dirigia as reuniões de professores, e os prefeitos vinham logo abaixo: Prefeito de estudos: ele acompanhava toda a vida escolar com visitas periódicas às aulas, formava e dava conselhos aos novos professores; Prefeito dito principal: encarregava-se dos estudos superiores nos grandes estabelecimentos, com faculdades superiores; Prefeito dos estudos inferiores: Acompanhava os cursos respectivos; Prefeito da disciplina: ajudava o prefeito de estudos na manutenção da ordem e do bom comportamento, se o número de alunos fosse grande.

(Arcanjo, Fernanda; Hanashiro, Midori,2010,p.22-23)

A história da coordenação pedagógica tem várias vertentes ao longo dos anos, de acordo com o crescimento econômico, passando por diversos períodos (Colono, Império e República). A expressão supervisão está interligada com a expansão, com o capitalismo industrial e financeiro, ocasionando um grande aceleração e desenvolvimento tecnológico e científico. Houve diversas reformas que foram moldando a gestão escolar, cursos superiores, cursos de especialização e assim foi criado um parecer nº 252/69, o qual propôs habilitações de administrador, inspetor, supervisor e orientador educacional. Com o regime militar na década de 60, a supervisão escolar ficou vista como um fiscalizador, que pouco contribuía para melhoras e um debate educacional focando no ensino-

aprendizagem e sim um mero reprodutor de planos pré-estabelecidos pelo MEC. Já na década de 80, com a redemocratização, iniciaram-se debates que envolviam uma necessidade de participação ativa dos educadores no que tange à organização educacional, bem como em uma educação para todos, de qualidade e uma gestão democrática nas escolas. A partir de 1988, com a Constituição Federal, ficam acordadas leis que asseguram a gestão democrática no Brasil e, com a LDB nº 9394, esse cargo poderia ser ocupado por um profissional especializado em didática, em um curso lato sensu. Essa lei foi homologada em 1996, a qual passa a criar critérios para a função de coordenador pedagógico.

A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica será feita em cursos de graduação de Pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. (LDB, 1996, art. 64).

Vale lembrar que se pensava em uma escola pública de qualidade, portanto a ideia de uma supervisão pautada na fiscalização não estava de acordo com a proposta política da época, sendo necessário uma nova reforma, ou melhor, uma visão para o seu propósito no âmbito escolar, surgindo então a coordenação pedagógica. De acordo com Vasconcellos (2007), a imagem de supervisão do passado, permeada em fiscalizar, passou a não ser aceita pelos docentes, sendo necessário uma definição melhor de um supervisor pedagógico.

A supervisão não é (ou não deveria ser): fiscal de professor, não é dedo-duro (que entrega os professores para a direção ou mantenedora), não é pombo correio (que leva recado da direção para os professores e dos professores para a direção), não é coringa/tarefeiro/quebra galho/salva vidas (ajudante de direção, auxiliar de secretaria, enfermeiro, assistente social, etc), não é tapa buraco (que fica “toureando” os alunos em sala de aula no caso de falta de professor), não é burocrata (que fica às voltas com relatórios e mais relatórios, gráficos, estatísticas sem sentido, mandando um monte de papéis para os professores preencherem – escola de “papel”), não é gabinete (que está longe da prática e dos desafios efetivos dos educadores), não é dicário (que tem dicas e soluções para todos os problemas, uma espécie de fonte inesgotável de técnicas, receitas), não é generalista (que entende quase nada de quase tudo) (Vasconcellos, 2007, p. 86-87).

SILVA (2002) relata em seu livro a grande influência do Banco Mundial em novos rumos da organização do sistema educacional nas décadas de 80 e 90, partindo para políticas públicas para a educação, permeadas por algumas orientações advindas do Banco Mundial.

A diversificação das fontes de financiamento público, apregoando maior participação do setor privado, repasse dos custos aos alunos e à comunidade local, como meio para regular os níveis superiores e selecionarmos melhores candidatos, evitando as desistências e os cursos prolongados, mas prevendo bolsas de estudos aos alunos capazes, porém pobres; eficiência do sistema educacional medida por objetivos e normas de rendimentos de aprendizagem, levando-se em conta as reais necessidades de trabalho. Uso eficaz de materiais e equipamentos didáticos, acompanhado da valorização do livro didático e da educação à distância; estrutura administrativa moderna, eficiente, capaz de formular políticas e de adotar procedimentos de planejamento, resolvendo problemas práticos e instituindo os mecanismos de avaliação interna permanentes. Distinção entre as instituições: formação especializada e vocacional em

institutos acadêmicos, institutos de ensino e outros de capacitação extraescolar. (Silva, 2002, p. 72).

De acordo com SILVA (2002), com as orientações do Banco Mundial, foi exigido um tempo maior nas escolas, bem como a duração do ciclo escolar, uma aceleração de resultado em relação ao ensino-aprendizagem dos estudantes, melhorias no ambiente de sala de aula e a educação da pré-escola. Uma valorização dos sistemas de saúde e nutrição. Uma capacitação maior para os docentes, uma reestruturação na parte organizacional e administrativa escolar, um sistema de avaliação por desempenho e a comunidade de pais e alunos participantes e esclarecidos no que se refere aos valores da educação, bem como, numa mobilização no que se refere a recursos econômicos.

Fica claro que o Coordenador Pedagógico, nessa época, passou a ter a incumbência de controle sobre os docentes visando números de discentes que avançaram em suas aprendizagens, para demonstrar resultados ao Banco Mundial. De modo a desviar suas funções, mas o que não se pode negar é que, a partir daí, fica claro o início de uma função a qual passa a ter ações para a organização escolar.

FUNÇÕES E DESAFIOS DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Ao longo dos anos, percebe-se uma grande dificuldade para que os PCPs consigam de fato cumprir com seu projeto devido aos desvios de funções, pois muitas das vezes têm que ficar intervindo em resolução de problemas em relação a fatores sociais, econômicos, sentimentais, substituir professores, organizar entrada e saída de estudantes, fazer agendamentos de sala de leitura, informática e tantas outras as quais acabam desvinculando de suas verdadeiras práticas pedagógicas.

A função de coordenador pedagógico veio ganhar força na década de 90, pois se fez necessário um acompanhamento mais eficaz em relação à educação para que atendesse às necessidades do Banco Mundial e interesses capitalistas. No decorrer da história, compreendemos que houve momentos em que o coordenador pedagógico não existia com esse nome propriamente dito, sendo um supervisor, com um ar rígido, mas hoje ele é visto como o mediador, articulador. O PCP, dentre várias atribuições, ele:

Pode acompanhar o jovem professor num projeto de formação em serviço que proporcione momento de reflexão sobre aspectos relativos a suas crenças e dificuldades. Com esse acompanhamento mais sistematizado, o docente poderá compartilhar suas inseguranças, diminuindo suas tensões e abrindo espaço para novas alternativas, capacitando-o a administrar situações conflitantes que sempre aparecerão em sua carreira. É o momento de o PCP intervir junto ao docente, indicando leituras e oferecendo

dados sobre a realidade da escola e do sistema de ensino. Esses aspectos devem ser trabalhados em encontros individuais, em que o PCP discutirá alternativas para o dilema que está enfrentando na prática (Bruno; Almeida; Christov, 2000, p. 35-36).

Os autores mencionados enfatizam ainda que é importante que o PCP proporcione momentos de estudos, formações, aprofundamentos teóricos aos professores, baseado em dados reais durante encontros em HTPC(horário de trabalho coletivo), proporcionando trocas de experiências entre docentes para que consigam solucionar alguns problemas concernentes a aprendizagens e indisciplina em sala de aula. Mencionam ainda três níveis que atuam: “1) de resolução de problemas instaurados; 2) o de prevenção de situações problemáticas previsíveis; 3) o de promoção de situações saudáveis do ponto de vista educativo e socioeducativo” (2000, p. 36). Porém, o nível um somente terá uma garantia se conseguir alcançar os níveis dois e três. No entanto, o nível um não pode se sobressair ao ponto de se tornar uma prática maçante, algo em que o PCP deverá ficar a fio tentando solucionar um problema, até porque o projeto pedagógico deverá ser planejado já visando essa real necessidade, em que as estratégias deverão ser postas em prática, para que de fato consiga de alguma forma amenizar a situação diagnosticada pelo grupo.

A identificação de conflitos permite que o foco do trabalho possa ser direcionado adequadamente, evitando o fracasso certo de atividades muito bem planejadas, mas pouco pertinentes para determinados contextos. Por meio da mediação das relações e da concretização de seu plano de trabalho, cabe ao coordenador instrumentalizar o grupo para manejar os conflitos que se apresentem na instituição, favorecendo, assim, o processo de amadurecimento e a contribuição de autonomia. Em síntese, o projeto de trabalho da coordenação deve também ancorar-se nos sujeitos reais, com suas demandas e dinâmicas pessoais, emprestando vida à instituição (Placco, p. 142).

Segundo ALMEIDA; PLACCO (2001), existem 3 dimensões relacionadas às ações do professor coordenador pedagógico que são: A articuladora, a formadora e a transformadora. Essas três ações articulam situações, formam os professores e assim conseguem transformar tanto suas ações quanto as dos professores, pensando no desenvolvimento dos educandos e dos docentes, ações estas que fazem com que o PCP reavalie suas próprias ações e também se transforma à medida que vai adquirindo mais experiência, tornando-se um agente de transformação na escola, o que somente ocorrerá de forma articulada com toda a comunidade escolar, comprometidos e empenhados.

As práticas administrativas e pedagógicas desenvolvidas na escola desenham as relações e as interações que as pessoas estabelecem em seu interior e definem formas/modelos para o fazer docente. Quando os professores percebem movimentos da organização/gestão escolar direcionados para mudança de determinados aspectos de sua prática, essa situação pode se constituir num fator sensibilizador para a sua mudança. A promoção de um trabalho pedagógico que ultrapasse as fronteiras do conhecimento e das funções/ações rigidamente estabelecidas no âmbito da organização e gestão da escola, por meio de uma gestão participativa, na qual os profissionais de diferentes setores possam participar efetivamente da construção do Projeto Político Pedagógico, colaborando na discussão, a partir de seu olhar e de sua experiência, propiciaria a construção de uma escola em que as relações e os planejamentos de trabalho se dessem de maneira menos compartimentada, mais compartilhada e integrada. (Almeida; Placco, 2001, p. 21).

Ao se pensar na função e ações do PCP juntamente com a gestão, percebe-se que vai muito além de meras reuniões e informes de MI (Memorando interno), é preciso um jogo de cintura para atender as necessidades do grupo, para que consiga de fato fazer com que a escola atenda às necessidades dos educandos. Sendo necessária uma gestão bem estruturada que se articule visando o desenvolvimento dos estudantes, que dê autonomia de fato ao professor coordenador pedagógico, para que consiga se articular bem com todas as partes envolvidas e assim desenvolver o PPP (Projeto Político Pedagógico); consiga também aperfeiçoar os processos pedagógicos e assim auxiliar nos processos de aprendizagem e avaliação dos estudantes; garantir uma formação continuada para os professores de modo que haja uma transformação em todos os envolvidos. Ainda sendo necessária uma aproximação de toda a comunidade escolar, o profissional precisa ser convincente no que faz, passando confiança, credibilidade de alguém que sabe exatamente sua função e qual meta deseja atingir de modo a levar todo o grupo consigo, sabendo ouvir e absorver o que há de melhor no grupo, aprendendo e refletindo acerca de erros e acertos. De modo a garantir recursos com a gestão, para que o projeto vá de fato para frente.

Para ter sucesso, o coordenador pedagógico deve se manter em sintonia com as questões que emergem das distintas identidades e pareceres dos professores referentes às mesmas questões e também exercer um papel influente ante a construção de trabalhos coletivos, com base e desencadeados por meio da cooperação e da troca de saberes e experiências advindas da comunidade educativa (Boccia; Dabul; Lacerda, 2013, p. 14).

Segundo POLATO;NADAL(2010) quando se trabalha em conjunto a escola passa a ter melhores resultados, enfatizam ainda a função de cada um dos envolvidos que são:

O diretor é o gestor escolar por excelência, aquele que lidera, gerencia e articula o trabalho de professores e funcionários em função de uma meta: a aprendizagem de todos os alunos. É ele quem responde legal e judicialmente pela escola e pedagogicamente por seus resultados - essa última atribuição, a mais importante, é às vezes esquecida. Já o coordenador pedagógico deve ser o especialista nas diversas didáticas e o parceiro mais experiente do professor. É ele quem responde por esse trabalho junto ao diretor, formando assim uma relação de parceria - e cumplicidade - para transformar a escola num espaço de aprendizagem. O que ocorre em muitos casos é que, sem formação adequada, ele acaba assumindo funções administrativas - e a formação permanente fica em segundo plano ou desaparece. O supervisor, terceira peça do trio gestor, é o funcionário destacado pela Secretaria de Educação, geralmente um educador, para dar apoio às escolas e fazer a interface do Executivo com elas. As redes mais bem estruturadas dispõem de uma equipe de supervisores que divide responsabilidades e se articula para fazer a orientação dos diretores e apoiá-los nas questões do dia a dia, formar os coordenadores pedagógicos e os professores e garantir a implementação das políticas públicas, que são as orientações oficiais que dão unidade à rede. Beatriz Gouveia, coordenadora do Programa Além das Letras, do Instituto Avisa Lá, em São Paulo, que também faz formação de educadores, afirma que esses técnicos da Secretaria devem ser os grandes parceiros da equipe escolar: "Com a experiência que têm, eles podem garantir as condições para que todas as escolas tenham um bom desempenho".

De acordo com PAULINA; SERPA (2011) existem algumas atribuições as quais deverá dar prioridade como garantir a realização do trabalho pedagógico coletivo; organizar encontros com os

docentes por ciclos, turmas e programar atendimento individualizado aos mesmos. O PCP precisa ter base teórica para que garanta uma discussão com propriedade do tema proposto para o grupo e assim proporcionar uma reflexão sobre as práticas pedagógicas. Sendo importante também que saiba o resultado da escola mediante as avaliações externas e assim acompanhar, orientar, guiar o planejamento em grupo. Enfatizam ainda referente ao que deverá ser evitado, como conferir organização e higiene de classes, ficar fazendo entrada e saída dos discentes, fazer substituição de professores, ficar cuidando de partes burocráticas e financeiras, resolver conflitos de estudantes, parcerias com empresas entre outras atividades.

O professor coordenador pedagógico precisa estar sempre atualizado, buscando preparo em sua formação e saber de fato sua real função no âmbito escolar, para que consiga de forma clara transparecer a todos os envolvidos desde sua proposta em seu projeto de trabalho, fazendo assim facilitar o seu trabalho de modo a conseguir o envolvimento do grupo em suas propostas. Sendo necessário também que tenha propriedade e domine de fato os temas abordados em suas formações para os professores, e , assim passe segurança para aqueles que ouve, de modo a aguçar a curiosidade de todos os envolvidos e assim os desperte para pesquisar e aprofundar seus conhecimentos.

O PCP precisa se articular muito bem com toda a gestão de modo a garantir o bom desempenho de suas reais funções, pois a gestão precisa enxergar nesse, um profissional que saiba o que está fazendo, de modo que passe confiança aos seus superiores e assim não interfiram em seu trabalho e sim some, apoie de modo a garantir o bom desenvolvimento de toda unidade escolar, cada um sabendo suas reais atribuições e assim possam apenas delegar. Como também é de suma importância que o corpo docente esteja claro da real função de um coordenador para que não se frustre com a ideia de que ele deverá resolver os problemas de indisciplina cada vez que porventura venha surgir um obstáculo.

O corpo docente precisa saber claramente quais os projetos e modo de trabalho do coordenador e suas propostas, pois deverá ser evitado todo desencontro de informações, o que acaba afetando grandemente o grupo e assim consequentemente afetando o trabalho e o bom andamento da unidade. O Professor coordenador pedagógico precisa se antecipar quando há conflitos, para que consiga de forma sutil e clara, tornar a trazer a calma em meio a tantos conflitos, pois muitas das vezes o grupo tem passado por diversas situações dentro de sala de aula que os deixam exaltados e exaustos, não tolerando situações adversas, momento tenso o qual precisará muito jogo de cintura para trazer o grupo para si e tranquilizá-los e motivá-los. O que são desafios, porque o profissional terá que dominar suas emoções e agir de modo racional para não levar o grupo a um estado de total desânimo e desmotivação.

Cabe também ao coordenador atender o professor em um momento oportuno e assim ouvir suas angústias e intervir em suas dificuldades, o orientando, pois o professor coordenador também se torna um mediador.

O coordenador medeia o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber agir do professor. Essa atividade mediadora se dá na direção da transformação quando o coordenador considera o saber, as experiências, os interesses e o modo de trabalhar do professor, bem como cria condições para questionar essa prática e disponibiliza recursos para modificá-la, com a instrução de uma proposta curricular inovadora e uma formação continuada voltada para o desenvolvimento de suas múltiplas dimensões. Essas mediações pedagógicas objetivam auxiliar o professor na visão das dimensões de sua ação, para que ele perceba quais os relevos atribuídos a cada uma delas e a postura daí decorrente. Assim, é fundamental que o coordenador conheça e se aproprie das dimensões do processo de formação continuada e faça delas o núcleo de sua ação coordenadora (Almeida; Placco, 2001, p.22).

Esse profissional necessita estar inteirado sobre o andamento e rendimento dos estudantes, bem como se ater à demanda de alunos especiais na unidade escolar para que tenha clareza da situação real escolar, e às indagações do corpo docente de modo geral, a apoiar e atender à necessidade do grupo de modo coerente e firme, visando o desempenho e bom rendimento escolar dos estudantes e do corpo docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo contribuir para uma reflexão no que se refere as atribuições do coordenador pedagógico e seus desafios, repensar as atribuições do coordenador pedagógico e suas ações para uma gestão democrática e compreender o papel do coordenador pedagógico no âmbito escolar e como se articula para realizar seu trabalho de forma eficaz. Contendo a seguinte pergunta: Como o coordenador pedagógico se articula mediante a tantos desafios para realizar o seu trabalho?

Em seguida das seguintes hipóteses:

Hipótese 1. O coordenador fica submergido com tantas tarefas desviada de suas reais funções que acaba por não fazer o que de fato deveria.

Hipótese 2. O coordenador sabe sua real função e assim consegue se articular com todos os envolvidos e desenvolver seu real trabalho.

Ao pesquisar os diversos autores mencionados no trabalho, podemos concluir que organização escolar é fundamental para o bom desenvolvimento de todos no âmbito escolar, mas é preciso uma gestão comprometida e bem articulada para que tudo ocorra bem. Existem várias atribuições para o

coordenador pedagógico o qual deverá se organizar para de fato conseguir atingir de fato sua meta, oferecendo uma formação continuada em horário de HTPC ou até mesmo criar fóruns em que os docentes vão respondendo online até chegar o dia do HTPC e vir à tona toda a discussão sobre o tema estabelecido ou votado pelo grupo. Fazendo assim estará de certa forma a garantir uma formação que vá ao encontro das necessidades do grupo, de forma democrática e participativa. Como até mesmo trazer pessoas especializadas referente ao tema escolhido, a qual dará palestras de modo a motivar o corpo docente e assim contribuir para um ambiente mais atraente, motivador e que faça a diferença na vida desses profissionais que tem sofrido com tantas indagações do seu dia - a - dia em sala de aula.

O PCP deverá conseguir se articular muito bem com toda a gestão e envolver os docentes no projeto o qual fora apresentado no início do ano, para que de fato consiga realizar seu trabalho, caso contrário ficará no fracasso de ter que ler meras MI, fiscalizar entrada e saída de aluno, horário de entrada e saída de professores, organizar e fiscalizar a limpeza da escola, o que vem a ser desvio de funções como alguns autores mencionado no trabalho enfatizam. Portanto não tem uma receita pronta de como trabalhar, pois quando se lida com pessoas é preciso uma gestão democrática participativa em que a gestão ouça todos os envolvidos e assim tome as decisões que de fato atenda às necessidades do grupo. E isso vai desde a construção do Projeto político Pedagógico o qual fará um levantamento conhecendo toda a comunidade e o público que atende para que consiga ir ao encontro de suas necessidades e assim cria-se projetos, estratégias para sanar alguns problemas enfrentados, criando regimentos para a escola.

Uma boa relação entre o coordenador e a comunidade, além de contribuir reforçando os direitos da cidadania, fortaleceria os princípios de uma parceria construtiva e participativa, e que facilitaria a efetivação do projeto pedagógico-curricular e didático da escola e possibilitaria uma reflexão crítica sobre os procedimentos (Boccia; Dabul; Lacerda, 2013,p.15).

O professor coordenador pedagógico, bem articulado com o grupo e sabendo de suas reais funções, se torna um agente de transformação no âmbito escolar para o corpo docente, pois poderá promover um espaço de mudanças, de transformação, pois consegue levar o grupo para suas reais metas, mudanças de postura mediante ao ensino, no tratar e enxergar o discente como um ser que possui saberes os quais precisam ser motivados e compreendidos, e principalmente os que dão mais trabalho de indisciplina, pois são os que de fato necessitam do docente. Levar o grupo a compreender a importância de estar continuamente se atualizando, estudando e procurando estratégias para lidar com os impasses de seu cotidiano. Bem como levar ao grupo a interagir entre seus pares, para que de fato consigam oferecer um ensino que faça a diferença para a comunidade atendida em sua unidade escolar, caso contrário continuarão a fazer as mesmas coisas, desmotivados e frustrados por não conseguirem atingir suas reais metas para o ensino.

De acordo com todo referencial teórico, percebe-se que não há uma fórmula ou até mesmo uma receita de como trabalhar, apenas caminhos que os direcionam, pois cada grupo reage e age de uma forma e aí vai depender de como esse profissional conseguirá se articular com o grupo e toda a gestão de modo a conseguir conquistar e passar credibilidade e confiança de modo inovador, tendo firmeza em suas falas e atitudes, fazendo-se cumprir suas propostas inicialmente apresentadas ao grupo. Possibilitando mudanças de postura do corpo docente e um novo olhar para atender à demanda, levando em conta a realidade de toda a comunidade escolar e seus anseios.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Laurinda de Ramalho; PLACCO, Vera M. N. De Souza. **O coordenador pedagógico e o espaço de mudanças**. São Paulo, Ed. Loyola, Brasil, 2001.
- ARCANJO, Fernanda; HANASHIRO, Midori. **A história da Educação no Brasil**. São Paulo: Abril, 2010.
- BACCIO, Margarete Bertolo; DABUL, Marie Rose; LACERDA, Sandra da Costa. **Gestão escolar em destaque**. Jundiaí, Paco Editorial, 20013.
- BRUNO, Eliane. B. Gorgueira; ALMEIDA, Laurinda de Ramalho; CHRISTOV, Luiza H. da Silva. **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo, Ed. Loyola, Brasil, 2000.
- DOMINGUES, Isaneide. **O coordenador pedagógico e a formação continuada do docente na escola**. São Paulo, Cortez, 2015.
- http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pcp009_09.pdf - acesso em 13/07/2017.
- http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf - acesso 13 jun. 2017.
- PAULINA, Iracy; SERPA, Dagmar. **Nova Escola**, abril, 2011.
<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/491/coordenador-pedagogico-o-que-fazer-e-o-que-nao-fazer>. Acesso em 05/10/2017.
- PLACCO, Vera. M. N de Sousa. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo, Ed. Loyola, Brasil, 2003.
- POLATO, Amanda; NADAL, Paula. **Nova escola**, fevereiro, 2010.
<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/681/como-atua-o-trio-gestor> - acesso 30 out. 2017.

SILVA, Maria Abádia da. **Intervenção e Consentimento: a política educacional do Banco Mundial**. Campinas, SP: Autores Associados: São Paulo: Fapesp, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2007.